

Relatos Casos Clínicos

PD-007 - (UM19-4952) - “MAIS ALGUM PROBLEMA PARA RESOLVER?”

Ana Maria Pinto¹; Bruno Assunção¹; Rita Nunes¹

1 - USF Lusitana

Enquadramento: A sífilis, a “grande imitadora”, é uma doença infecciosa, sexualmente transmissível, passível de apresentação clínica muito diversa, dependendo também dos diversos estádios de infeção: primária, secundária e terciária.

Descrição de Caso: Homem, 74 anos, casado, integrado numa família nuclear do estadio VIII do ciclo de Duval, com antecedentes de DM, HTA, Dislipidemia, Obesidade e Patologia Osteoarticular. Recorreu ao Médico de Família em Julho de 2018 em contexto de Consulta Rastreio de Cancro Colo-Rectal e, em resposta à questão aberta “Tem mais algum problema para resolver?”, o doente referiu lesão cutânea escavada na região peri-anal, indolor, com cerca de 5cm de diâmetro e mais de 1 mês de evolução, sem resolução apesar da auto-aplicação de antisséptico local e cuidados de higiene, lesão que ainda não tinha referido em consultas anteriores. Não recordava data de início da lesão e negava traumatismo local. Sem outros sintomas associados. Negava também comportamentos sexuais de qualquer tipo há mais de 3 anos (incluindo com a esposa). Na sequência do estudo da lesão, foram pedidos os testes VDRL e TPHA, cujo resultado foi positivo: 1dil e 1/20480, respetivamente. Foi referenciado para consulta de Infeciologia Hospitalar e foi medicado com Benzilpenicilina benzatínica, 2.4 M.U.I./6.5 ml toma única, com melhora progressiva da lesão principal, apresentando apenas uma hiperpigmentação nesse local na última avaliação. Foi repetida serologia após cerca de mês e meio que se manteve, ainda, positiva: 1dil e 1/5120, respetivamente e aguarda nova serologia de controlo.

Discussão: A heterogeneidade de manifestações da sífilis, mimetizando outras patologias, constitui uma dificuldade no diagnóstico. A localização das lesões, muitas vezes em regiões consideradas íntimas, pode constituir um obstáculo adicional à identificação por dificuldade de abordar o tema. Ressalva-se, neste caso, a importância de uma relação médico-doente empática, com utilização de perguntas abertas e silêncios necessários à criação de oportunidade de exploração de sinais e sintomas que, de outra forma, poderiam continuar a passar despercebidos.